

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Thomas Merton: a presença de um amor e a escolha pela liberdade da solidão

Thomas Merton: the presence of love and the choice for freedom of solitude

Iuri Nunes ^[a] 

Juiz de Fora, MG, Brasil

Universidade Federal de Juiz de Fora

Como citar: NUNES, Iuri. Thomas Merton: a presença de um amor e a escolha pela liberdade da solidão. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 2, p. 16-23, jul./dez, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.09.02.p16-23>

Resumo

Thomas Merton foi um monge católico da Ordem Cisterciense da Estrita Observância e considerado um dos grandes representantes da espiritualidade cristã do século XX. Do seu isolamento no mosteiro, Merton deixou reflexões marcantes sobre vários temas da humanidade. Dentre esses temas, a noção de solidão teve um lugar privilegiado em suas reflexões: seja por ser uma categoria muito presente em suas considerações, seja por ser uma dinâmica significativa na propulsão do seu exercício contemplativo. No entanto, uma dada situação veio a contribuir ainda mais para essa dimensão da solidão na espiritualidade de Merton, pois, após precisar de cuidados médicos, o monge trapista se apaixonou pela enfermeira Marge Smith – chamada por ele pelo codinome “M”. Nesse sentido, lançando mão principalmente do seu diário (reunido na obra “Merton na Intimidade”) e de alguns textos de Merton sobre o tema, pretende-se comparar essas experiências de solidão presentes na vida dessa figura da mística contemporânea: sua compreensão de solidão antes e após o envolvimento amoroso. Para isso, primeiramente, pretende-se apresentar brevemente a perspectiva de solidão para Thomas Merton e o seu papel dentro da experiência contemplativa; logo após, busca-se debruçar sobre os desdobramentos do envolvimento amoroso de Merton com a enfermeira Marge Smith, destacando a categoria da solidão nessa abordagem.

(a) <https://orcid.org/0009-0005-1466-4152> - n.iuri@hotmail.com

Palavras-chave: Thomas Merton. Espiritualidade. Solidão.

[a] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF, onde desenvolve pesquisa sobre a relação entre espaço doméstico do Cristianismo Originário e a cultura popular do Mediterrâneo Antigo. Possui mestrado em Ciência da Religião pela UFJF. Licenciado e Bacharel em História pela UFOP. Especialista em Ciência da Religião pela UFJF. Contato: n.iuri@hotmail.com

Thomas Merton was a Catholic monk of the Cistercian Order of Strict Observance and considered one of the greatest representatives of Christian spirituality in the 20th century. From his isolation in the monastery, Merton left remarkable reflections on several themes of humanity. Among these themes, the notion of solitude had a privileged place in his reflections: either because it was a category very present in his considerations, or because it was a significant dynamic in the propulsion of his contemplative exercise. However, a given situation contributed even more to this dimension of solitude in Merton's spirituality, because, after needing medical care, the Trappist monk fell in love with the nurse assigned to take care of his bandages. The objective of this text is to reflect on the category of solitude in Thomas Merton and to discuss about the experience of this category in the situation of his love relationship with the nurse Marge Smith - known by him by the codename "M". To this, based mainly on his diary (collected in the work "Merton na Intimidade") and some of Merton's texts on the theme, we intend to compare these experiences of solitude present in the life of this figure of contemporary mysticism. To this, we first briefly present Thomas Merton's perspective of solitude and its role within the contemplative experience; then, we seek to focus on the developments of Merton's love involvement with the nurse Marge Smith, highlighting the category of solitude in this approach.

Keywords: Thomas Merton. Spirituality. Solitude.

Quanto mais penetro na solidão, mais a amo. Um dia ela me possuirá inteiramente e ninguém mais me verá (Thomas Merton)

Introdução

Thomas Merton é considerado um dos grandes representantes da espiritualidade cristã do século XX. Além de ser autor de uma vasta produção literária versada no tema, Merton teve a sua trajetória de vida marcada por uma intensa dinâmica espiritual. Nesta trajetória, domiciliada na tradição cristã, ele refletiu e praticou uma espiritualidade inovadora para seu tempo, contribuindo para o redimensionamento da espiritualidade no mundo contemporâneo. A percepção profundamente sensível diante do Mistério e do mundo, o abandono em Deus sem fugir da realidade e o peculiar sentimento de liberdade interior alcançado no encontro com Deus foram algumas das principais características dessa figura gigantesca da mística contemporânea.

Merton foi um monge católico da Ordem Cisterciense da Estrita Observância, amplamente chamada de Ordem Trapista e conhecida por ter uma tradição bem estruturada e rigorosa. Antes de seguir afincado uma rotina monástica, Thomas Merton teve uma vida tumultuada. Nasceu de um casal de artistas em 31 de janeiro de 1915, aos seis anos tornou-se órfão de mãe e, em 1931, órfão de pai. Essa condição o levou a morar, antes de completar a adolescência, em vários países como a França, Inglaterra e Estados Unidos. Durante a juventude, dedicou-se um longo período à beberronia até que se converteu ao catolicismo, decidindo, em 1941, viver enclausurado num mosteiro nas matas de Louisville, Kentucky (EUA). Embora recolhido na abadia de Nossa Senhora de Getsêmani por vinte e sete anos até a sua morte, o monge Thomas Merton não deixou de estabelecer um diálogo contínuo com o mundo.

Sua vida foi contemporânea de eventos traumáticos da história da humanidade como Auschwitz, Gulag, Hiroshima e Vietnam, os quais, em grande medida, marcaram os escritos mertonianos. A atividade literária de Thomas Merton trazia toda a carga desse contexto histórico ao combater a violência, injustiça e empenhar-se na promoção da paz. Ao lado dessa participação engajada no mundo através de seus escritos, estava a singular vida de oração desse monge trapista, baseada principalmente na experiência contemplativa. Vivenciando esse mundo marcado pelo constante barulho, Merton soube conciliar a necessidade de um silêncio com a urgência de uma atenção diante dos anseios do mundo, fazendo dessas duas categorias aparentemente antagônicas fontes para uma espiritualidade que permitisse um envolvimento com o Mistério e também com o outro.

No sentido de traçar esse itinerário espiritual, a solidão (*solitude*) constituía um lugar privilegiado na propulsão do exercício contemplativo. Merton dedicou tanto à experiência da solidão que chegava a passar sozinho longas horas em uma dinâmica oracional identificada por ele como “trabalho de cela”. No mosteiro em que residia, teve um espaço dentro da abadia reservado exclusivamente para essa experiência diária. Segundo Sibélius Cefas, Merton estava atraído pela vida eremítica da solidão havia algum tempo e, em 1965, conseguiu autorização dos seus superiores e mudou-se para um pequeno prédio no meio da floresta com o intuito de empreender o seu eremitério e, assim, poder praticar o “trabalho de cela” de uma forma mais enriquecedora (CEFAS, 2014: 86).

Um evento ocorrido em 1966 viria a contribuir ainda mais para essa dimensão da solidão em Thomas Merton. Durante esse período de vida eremítica, o monge trapista foi acometido por uma dor nas costas que comprometia os movimentos dos braços e das mãos. No verão daquele ano, Merton teve que passar por uma intervenção cirúrgica e, durante esse período, conheceu a enfermeira Marge Smith – simplesmente chamada em seu diário pelo codinome “M” - por quem se apaixonou e manteve contatos durante cinco meses. Thomas Merton escreveu em seu diário: “Neste dia me mandaram, como enfermeira ainda estudante, para cuidar especialmente de mim, mudar as compressas na minha coxa... em uma semana estávamos apaixonados” (HART; MONTALDO, 2001: 351). Nesse breve e intenso envolvimento amoroso, houve profundas crises pessoais e também censuras por parte dos

superiores da abadia. Uma experiência de amor pode influenciar algumas dimensões da vida; no caso de Merton, a vivência dessa experiência configurou-se em uma construtiva turbulência interior.

Em detrimento dessa situação, como ficou a importante noção de solidão para Thomas Merton? Qual a possível contribuição desse relacionamento amoroso para a sua compreensão de solidão e, consequentemente, para o seu itinerário espiritual? O objetivo deste presente texto é refletir sobre a categoria “solidão” em Thomas Merton e apresentar a vivência dessa categoria diante do colapso de uma relação amorosa. Lançando mão principalmente do seu diário e de alguns textos de Merton sobre o tema, pretende-se comparar essas experiências de solidão presentes na vida desse místico. Ou seja, busca-se comparar sua noção de solidão antes e após esse envolvimento amoroso. Nesse sentido, primeiramente, refletir-se-á sobre a perspectiva de solidão de Thomas Merton e o seu papel dentro da experiência contemplativa; e, em segundo, buscar-se-á apresentar os desdobramentos do envolvimento amoroso de Merton com a enfermeira Marge Smith, destacando a noção de solidão em Merton diante desse sentimento de amor.

A noção de solidão para Merton

A proposta de espiritualidade de Thomas Merton baseava-se na oração contemplativa, a qual perpassava de certa forma por todos os aspectos da sua vida. Apesar de estar entre os mais antigos métodos de oração do cristianismo, a contemplação constituía um dos traços mais identitários da personalidade desse monge trapista, que, além de atravessar toda a sua obra, serviu de um intenso itinerário de vida. De acordo com Sibélius Cefas, Merton possibilitou uma revitalização dessa espiritualidade contemplativa - até então esquecida ou pouco usada, articulando-a com a tradição teológica e trazendo novas configurações (CEFAS, 2014: 70). Em Thomas Merton, o exercício contemplativo estava condicionado a duas ferramentas essenciais: a solidão e o silêncio, cujas noções foram retomadas da tradição mística e monástica.

A contemplação, tal como foi perspectivada por Merton, pode ser entendida como um “estar-no-mundo” com a consciência desperta da presença do Mistério. Em outras palavras, é uma tomada de consciência [e/ou um admirar-se] da Realidade que existe em tudo e em todos. O contato com a natureza, por exemplo, era encarado, por Merton, como uma experiência enriquecedora da vida contemplativa. Dessa forma, a contemplação mertoniana envolvia um desejo de integrar-se ao Todo, possibilitando a construção de um sentimento de empatia e envolvimento, o que dá margens para compreender o papel engajado desse monge contemplativo diante das injustiças da sociedade de seu tempo. Não obstante, para o místico Merton, a contemplação não seria uma religiosidade exterior, um êxtase: a vivência contemplativa constituía, antes de tudo, uma oração do “estar presente”. Dizia Merton, “a vida espiritual é algo com que as pessoas se preocupam quando estão tão ocupadas com outra coisa que pensam que deveriam espiritualizar-se” (HART; MONTALDO, 2001: 279).

A contemplação era potencialmente experienciada por Merton através da solidão e do silêncio, considerados vias de acesso por excelência da espiritualidade contemplativa. Esses dois exercícios, embora já presentes no mundo monástico, ganharam uma intensidade singular em Thomas Merton. A solidão e o silêncio podem ser

entendidos como um momento privilegiado para a assimilação e o acolhimento da presença desse Mistério. Segundo Merton, “como a voz de Deus não é ‘ouvida’ a todo instante, parte do ‘trabalho de cela’ é atenção, para que nenhum dos sons dessa Voz possa ficar perdido” (HART; MONTALDO, 2001: 285). À medida que se aprofunda nessa experiência da solidão – comparado por Merton como um barco avançando para o mar sem as amarras que o prendia à terra (HART; MONTALDO, 2001: 270), surgem outras dimensões para a vivência contemplativa.

A profunda solidão, de acordo com Thomas Merton, pode colocar o ser humano diante da “realidade crua das coisas”, já que essa situação não permite disfarces ou distrações (MERTON, 2001: 68). Assim, a vida solitária é uma experiência penosa e constrangedora, onde se tem a mais íntima e isolada capacidade de enfrentamento do próprio ser sem as suas máscaras. Merton refletiu em seu diário que essa realidade solitária proporciona um reconhecimento da identidade pessoal: “Pode-se fingir na solidão de um passeio à tarde, mas a noite destrói todos os fingimentos. Somos reduzidos a nada e compelidos a iniciar laboriosamente o longo retorno à verdade” (HART; MONTALDO, 2001: 262). Dessa forma, ao permitir mergulhar na própria intimidade, a experiência da solidão pode favorecer um autoconhecimento e uma abertura ao outro, permitindo trabalhar as virtudes, fraquezas e os erros.

Há momentos de grande desolação e perdição na solidão, mas não raro surgem momentos profundos de compreensão e esperança, e percebo que esses não seriam possíveis, em sua pureza, suas simples e secretas direções, a não ser na solidão. Espero que eu seja digno deles! (HART; MONTALDO, 2001: 311).

Nesse sentido, a experiência da solidão mertoniana não significa um retraimento egoísta, ou seja, uma atitude reservada e um sentimento de isolamento. A solidão é um exercício que contribui para o autoconhecimento e, com isso, favorece uma abertura ao outro. Nas palavras de Merton, “numa solidão assim, aprende-se a não procurar o amor, mas a dá-lo. A maior necessidade que se tem não é mais a de ser amado, compreendido, aceito, perdoado, e sim a de compreender, amar, perdoar e aceitar os outros como eles são, para ajudá-los a se transcenderem no amor” (MERTON, 1975, p. 119).

Thomas Merton desejava essa experiência profunda de solidão e a encontrou de forma enriquecedora na vida eremítica, pois sentia que a reclusão monástica não seria suficiente para vivenciar a total “realidade crua” da solidão. Ele registrou: “no eremitério - vejo a rapidez com que é possível alguém se desfazer” (HART; MONTALDO, 2001: 261). O constante contato de pessoas e o apoio de uma ilusão comum eram considerados por Merton como a fonte de uma condição chamada de “obesidade interna” e o seu rompimento proporcionaria uma construtiva devastação interior. Nesse sentido, Thomas Merton concebeu o trabalho de solidão como uma boa e temerosa condição de crescimento. Conquanto, os eventos que se seguiram durante essa vida eremítica viriam possibilitar a vivência de outra realidade, permitindo encarar novas dimensões para a sua compreensão de solidão: o monge foi acometido pela realidade do amor. No próximo tópico, busca-se discutir sobre a vivência dessa categoria da solidão diante da situação dessa relação amorosa.

A presença de um amor na solidão de Merton

O eremitério tinha começado a lhe dar a sensação de firmeza na solidão, quando, do mês de abril até aproximadamente ao mês de setembro do ano de 1966, Thomas Merton se viu fortemente envolvido por uma experiência de amor que pretensamente abalaria as suas estruturas. Segundo o próprio Merton, esse sentimento de amor – fruto da relação amorosa com a enfermeira Marge Smith (codinome “M”) – foi o mais profundo que vivenciou em toda a sua vida. O envolvimento entre ele e a enfermeira “M” rendeu algumas correspondências e até encontros escondidos. Ao mesmo tempo, o amor dos dois sofreu enorme censura dos superiores da abadia e foi acompanhado por algumas crises de sentido até esse relacionamento ser sufocado e inviabilizado. No entanto, a sua maior preocupação não era com as regras da vida secular, mas com a sua vocação para a solidão.

É impossível para mim ser o que eu era antes de conhecer M. A antiga vida é um hábito que não mais existe – um hábito de isolamento, de aflição, de intensa preocupação com o que exatamente eu nem lembro mais. Uma espécie de religiosidade e uma intenção de ser interiormente honesto (HART & MONTALDO, 2001: 331).

Nesse período, o monge trapista estava profundamente envolvido pela experiência do amor e essa condição era um misto de angústia – “ambos sabemos que isso não tem futuro” (HART & MONTALDO, 2001:318) – e esperança – “quando cheguei em casa, liguei para ela e conversamos de novo e descabidamente sobre possibilidades, vivermos juntos, eu sair daqui, ‘casar’ etc.” (HART & MONTALDO, 2001: 328). Eram constantes as autoanálises sobre esse relacionamento obscuro, questionando principalmente a sua incapacidade para amar e ser amado. Segundo Faustino Teixeira, Merton era essa turbulência existencial e afetiva, sendo que sua vida sempre foi acompanhada por essa tensão construtiva (TEIXEIRA, 2015).

Ao final, Merton decidiu manter-se fiel à sua própria busca interior e deixou de ver “M”. No mesmo ano de 1966, ele rompeu esse relacionamento, mas não foi uma escolha fácil. As lembranças, os desejos e as inseguranças vieram atordoá-lo por mais alguns meses até que Merton nunca mais falou sobre esse evento da sua vida, embora tivesse a consciência de que “M” faria parte da sua solidão pelos próximos anos da sua vida. Para Merton, o que ele tinha vivido não fazia apenas parte de um desejo próprio, mas era parte de um propósito maior: “a solidão é a vontade de Deus pra mim – não é apenas que eu ‘obedeça’ às autoridades e às Leis da Igreja. É mais do que isso. É aqui que estão minhas raízes” (MERTON, 2005, p. 348). Assim, pode-se dizer que a sua compreensão da experiência de solidão recebeu e agregou novas dimensões.

Em seu diário, Merton chegou a escrever que a sua compreensão de solidão não iria mudar com esse relacionamento amoroso: “Como se adequa tudo isso aos padrões da ‘cela’? Como a ‘cela’ o julga? Ao que parece, não há problemas. A solidão não se tornou desagradável para mim, nem mudou de significado” (HART & MONTALDO, 2001: 322). De fato, a compreensão de solidão para Thomas Merton sempre significou muito mais uma topologia existencial do que um lugar propriamente físico. Não obstante, estabelecer um pacto com o isolamento e a solidão era igualmente um desafio para esse monge trapista. A relação com “M”, segundo Merton, possibilitou questionar essa dinâmica, no sentido de readequá-la.

É preciso trabalhar ativamente com a solidão, não levantando cercas ao redor de si mesmo, mas sim destruindo todas as cercas e jogando fora todos os disfarces, descendo à raiz nua de seu próprio e mais íntimo desejo, que é o desejo de liberdade-realidade.

O relacionamento com “M” fez com que o monge Thomas Merton tivesse a experiência de viver outra realidade e, assim, sentir outras dimensões da solidão. Essa experiência lhe permitiu compreender um lado da sua vida que ele ainda não tinha conhecido, escolhendo decididamente pela liberdade que a solidão proporciona. Segundo Merton, a liberdade, entendida como consequência da solidão, perpassa por compreender a realidade- raiz do próprio ser e viver independente da tranquilizadora corrente de ilusões criadas pela vida social. Nesse ponto, baseando no monge trapista, encontra-se a beleza e a necessidade da solidão: o ser (interior) em liberdade. A partir dessas questões, percebe-se que a espiritualidade mertoniana ainda é bastante atual e até necessária para os dias de hoje - os quais são sufocados pela intensa necessidade de comunicar-se e, ao mesmo tempo, são raras as pessoas atentas a ouvir.

Conclusão

Ao longo das discussões tratadas nesse texto, apontou-se que o exercício contemplativo de Thomas Merton abrangia duas ferramentas essenciais: a solidão e o silêncio. Para Merton, a contemplação não seria apenas uma religiosidade exterior, mas um desejo de integra-se ao Todo. Ou seja, a contemplação mertoniana possibilita a construção de um sentimento de empatia e envolvimento com a realidade que existe em tudo e em todos. Nesse sentido, os dois exercícios principais da contemplação era a solidão e o silêncio. Com relação à solidão, de acordo com Merton, esse exercício permite um reconhecimento da identidade pessoal e, com isso, uma abertura ao outro. É a partir dessa compreensão de solidão que é possível entender o quanto a vivência dessa categoria foi ressignificada após a relacionamento amoroso de Merton com a enfermeira Marge Smith.

Pode-se dizer que a dimensão de solidão para Thomas Merton foi potencialmente transformada após esse relacionamento amoroso - seja simplesmente possibilitando um enriquecimento interior mais honesto ou até mesmo conseguindo estabelecer um pacto com o isolamento. Pode-se afirmar que Thomas Merton escolheu a liberdade da solidão como forma de ir ao encontro da solidão de outras pessoas, incluindo a da enfermeira Marge Smith, entendendo, portanto, essa dimensão como uma forma de “abraçar tudo” e ser animado pela doação do amor. Nas palavras de Merton,

Nada conta a não ser o amor, e que uma solidão que não seja simplesmente a total abertura da liberdade e do amor não é nada. Amor e solidão são o solo da verdadeira maturidade e liberdade. A solidão que é apenas solidão e nada mais (que exclui tudo que não é solidão) não tem valor. A verdadeira solidão abarca tudo, pois é a plenitude do amor que não rejeita nada e ninguém, que se abre para Todos em Tudo (HART & MONTALDO, 2001: 315).

Referências

HART, Patrick & MONTALDO, Jonathan (Orgs). **Merton na intimidade. Sua vida em seus diários.** Rio de Janeiro: Fissus, 2001 (Parte VI)

MERTON, Thomas. **Diálogos com o silêncio: Orações & Desenhos.** Rio de Janeiro, Fissus, 2013.

_____. **Na liberdade da solidão.** Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A montanha dos sete patamares.** Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Contemplação num Mundo de Ação.** Petrópolis: Vozes, 1975.

PEREIRA, Sibélius Cefas. **Thomas Merton. Contemplação no tempo e na história.** São Paulo: Paulus, 2014.

RONSI, Francilaide de Queiroz. Thomas Merton: sua vida e o diálogo com o oriente. In: **Ágora Filosófica**, ano 2, n. 1, jan./jun., 2008.

SOUZA, Maria E. e Silva. **Thomas Merton: um homem feliz.** Petrópolis: Vozes, 2003.

TEIXEIRA, Faustino. **Buscadores do diálogo. Itinerários inter-religiosos.** São Paulo: Paulinas, 2012, p. 25-41.

TEIXEIRA, Faustino. Thomas Merton e o canto das coisas. In: PAISER, Fernando (Org). **Mertoniaunum 100.** São Paulo: Riemma, 2015, p. 102-118.
